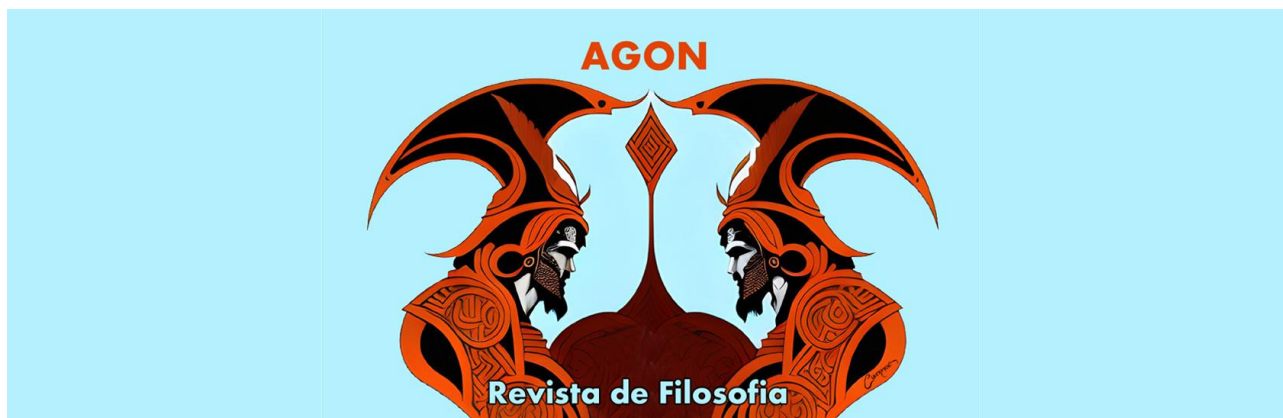




KIERKEGAARD : entre a angústia e desespero de se tornar autêntico

Fábio Libório Rocha¹

O que me falta, é o que devo ter clareza comigo mesmo sobre o que devo fazer e não sobre o que devo conhecer, a não ser na medida em que idéias claras devem preceder toda a ação. Trata-se para mim, de compreender qual é a minha vocação, vero que a Providência quer propriamente que eu faça. Trata-se de encontrar uma verdade que seja para mim, encontrar a idéia pela qual eu possa viver e morrer. (KIERKEGAARD Apud FARAGO , 2006, p. 31).

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever de maneira simples as concepções de angústia e desespero, categorias que norteiam o legado deste filósofo. Para Kierkegaard, a angústia seria o pressentimento de libertar-se, a liberdade como fenômeno possível para a existência. Já o desespero, seria aquilo que o filósofo define como *doença mortal*: vivenciar a morte em vida, perecer para a existência. Para o filósofo, angústia e desespero são elementos indissociáveis da vida humana; categorias de suma importância para o ser humano se auto construir.

Palavras-Chave: Kierkegaard. Angústia. Desespero. Existência.

ABSTRACT: The objective of this article is to describe simply the concepts of grief and despair, categories that guide the legacy of this philosopher. For Kierkegaard, the anguish would be the feeling of freedom, freedom as a possible phenomenon for existence. Already despair, would be what the philosopher defines as *deadly disease*: experience the living death, perish for existence. For the philosopher, grief and despair are inseparable elements of human life; extremely important categories for humans self build.

Keywords: Kierkegaard. Anguish. Despair. Existence.

INTRODUÇÃO

Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855) é um pensador notável para o cenário filosófico da metade do século XIX. Pensador da existência, fundador do Existencialismo Moderno, Kierkegaard tratou de expor em sua produção filosófica e religiosa, diversos

¹ Artigo publicado originalmente na Revista Húmus. Pós-Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília – UNB. Doutor em História pela UFPR. Professor de filosofia da UDF, IESB, IEPSE e IESGO. E-mail: liborio.fabio@gmail.com



temas inerentes à vida humana. O problema da existência e da vida singular do ser humano é tema a ser discutido desde os primórdios da filosofia, iniciado com os chamados “filósofos da natureza” perpassando até o parteiro de almas da Grécia Clássica que atende pelo nome de Sócrates. Kierkegaard, como um bom discípulo do grego Sócrates, percebeu que deveria exercitar ao máximo em seus livros a temática da vida individual do ser humano; o quanto era pertinente para indivíduo dialogar sobre sua própria existência, refletir sobre suas escolhas e atitudes. Cabe lembrar que o filósofo de origem dinamarquesa vai rivalizar com um dos grandes filósofos da época, ou melhor, tratará de criticar a maneira como o seu sistema filosófico encarava a vida individual de homens e mulheres. O filósofo a ser criticado é o senhor Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831), um dos maiores expoentes do chamado Idealismo alemão. O que Kierkegaard vai criticar em Hegel é a maneira como o seu sistema filosófico visualiza a liberdade humana. De maneira breve, o Sistema Absoluto de Hegel abarca a realidade; o Eu Absoluto amparado pela trindade *ideia-natureza- espírito* é a manifestação de toda fonte originária de vida. Significa dizer que toda e qualquer atividade do ser humano, seja atitude reflexiva ou filosófica, seja labor artístico seriam os passos ou a revelação do Eu Absoluto de Hegel, que ao se expandir, concebe tudo aquilo que é real e racional, estabelecendo laços cada vez mais sólidos entre aquilo que é sensível e inteligível. Kierkegaard contesta a maneira como o idealista alemão visualiza a vida do particular do sujeito. Em Kierkegaard, o ser humano se coloca no mundo da vida sabendo de sua consciência enquanto ser existencial. Sistema nenhum é capaz de medir numa locução universal a vida de todo e qualquer ser humano. O indivíduo é aquele que define sua vida, que escolhe o que é o melhor para sua existência. Para a comentadora France Farago (2006, p. 65), “o homem é livre, capaz de autodeterminação em ato, livre do determinismo natural, sendo capaz de se libertar da essencialidade característica da natureza”, e o filósofo de Copenhague não foge dessa passagem no que concerne a sua proposta filosófica: inquietar homens e mulheres que se



debruçam em suas obras, que se encantam pelas falas pronunciadas por seus pseudônimos. O objetivo desse artigo é descrever, mesmo que de maneira breve e simples os conceitos de angústia e desespero encontrados em duas obras do pensador dinamarquês, *O Conceito de Angústia* (1844) e *Desespero Humano* (1849), percebendo de que maneira, tais categorias são importantes para a vida humana, em especial, como tentativa de estabelecer um exercício “maiêutico” sobre a própria existência.

A ANGÚSTIA COMO POSSIBILIDADE

Muitas das vezes ouvimos a expressão angústia em nosso cotidiano. Sinônimos não lhe faltam: aflição, desgosto ou suplício. Não faltam significados para a palavra angústia. Esta expressão, uma vez que envolve o ser humano é de tal forma, uma discussão de abordagem filosófica. Deste modo, Søren Kierkegaard dedicou de maneira bem aprofundada, uma detalhada abordagem sobre esta categoria. *O Conceito de Angústia* (1844) propõe uma reflexão existencial e psicológica sobre esta categoria. O filósofo aventura-se numa reflexão sobre o mito do pecado original, analisando a circunstância de Adão, primeiro homem do gênero humano. Kierkegaard, através do pseudônimo Vigilius Haufniensis (*O Vigia de Copenhague*) expõe um debate sobre a condição de Adão e sua relação com o primeiro pecado: Como este se encontra diante da probabilidade de efetuar uma atitude que iria contrariar a vontade de seu Criador? Adão teria consciência do que estava fazendo? São alguns dos questionamentos que se encontram no tratado do filósofo. O que é importante perceber é que Kierkegaard pontua que Adão é uma criatura inocente, que não possui uma estrutura linguística bem definida. Assim, ele não possui conhecimento do que é “bom” ou “mal”. Porque o primeiro homem comete uma infração que desencadearia no surgimento do pecado no mundo? Conforme o estudioso Iuri Andréas Reblin (2008, p. 110), “*frente à proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Adão ficou angustiado*”. O primeiro homem encontra-se

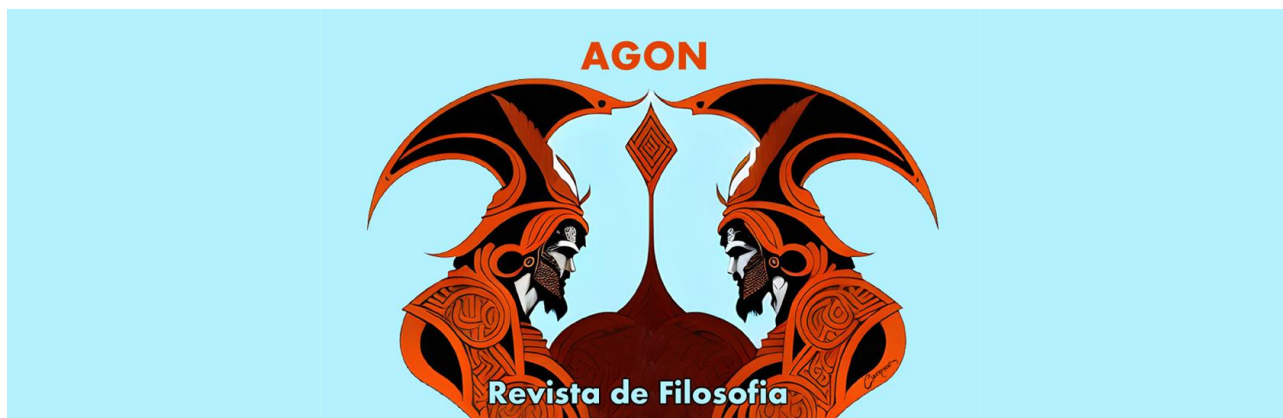


agitado diante da lei que o proibia de comer o fruto, mesmo sem entender uma palavra sequer. De certa maneira, Adão foi perdendo sua ingenuidade, aquilo que o filósofo define como inocência. Portanto:

A inocência é ignorância. Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O espírito está sonhando no homem. Tal interpretação está em perfeita concordância com a da Bíblia que, ao negar ao homem em estado de inocência o conhecimento da diferença entre bem e mal, condena todas as fantasmagorias católicas sobre o mérito. (KIERKEGAARD, 2010, p. 44-45)

Adão reside na morada da ignorância, pois não possui um grau de consciência elevado; encontra-se subdesenvolvido enquanto ser humano. Mas a partir do momento que o impedimento de comer o fruto vai gerando um grau de desconforto, o primeiro homem vai gerando uma pequena porcentagem de consciência. Para Kierkegaard (2010, p. 48), “a proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade”. A probabilidade de efetuar uma ação que geraria um sentimento de libertação deixa o primeiro homem “inflamado”, sem saber o que fazer. Efetuando a infração, Adão encontra pela primeira vez o sentimento de culpa. O que era desconhecido se torna conhecido. Estando em sua naturalidade, vivendo de maneira ingênua, aquele que representa o gênero humano, acaba concebendo certo grau de conhecimento, certo grau de consciência.

A angústia é segundo o filósofo (2010, p. 45) “a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade”, perceber a representação a liberdade antes de realizar o ato. A angústia não é doença, muito menos uma deformidade no ser humano. É ela que anuncia a voz daquilo que diferencia o homem dos demais seres vivos presentes na terra: o espírito. O homem não é meramente um ser biológico, para Kierkegaard (2010, p. 45) “é uma síntese do psíquico e do corpóreo”. Percebe-se aqui, que o filósofo dinamarquês já começa a estruturar aquilo que ele falará mais tarde em *O desespero humano*: que o ser



humano em sua humanidade é possibilidade. A síntese tratada em O Conceito de Angústia é de alma e corpo, elementos distintos, que precisam se reconciliar. Daí, conforme Kierkegaard entra em cena a terceira característica do ser humano que é o espírito. No caso de Adão, por não ser um ente que é somente animal, mas também humano, o primeiro homem possui espírito. Mas, o espírito em Adão está posto como uma semente, simbolicamente com um grão que não germinou. Kierkegaard quer comunicar que na medida em que Adão efetua a escolha de alimentar-se do fruto proibido pela Divindade, o espírito demonstra um rastro de manifestação. Da inocência, Adão manifesta uma pequena noção de existência. O filósofo dinamarquês continuar a dar mais significados a categoria que aqui se está trabalhando. Para o pensador moderno, (2010, p. 46), “a angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática”. Constitui-se, portanto como aquilo que incomoda e ao mesmo tempo convida, é aquilo que amola e atrai. Na angústia, o ser humano se encontra envolvido em um círculo de possibilidades, podendo executar escolhas. Para Kierkegaard, ela é capaz de mover o ser humano a executar ações determinantes para sua vida, pois para o pensador o homem é um *ser-capaz-de*. Logo:

A possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher entre o bem e o mal. Um tal disparate não prossegue nem das escrituras nem do pensamento. A possibilidade consiste em *ser-capaz-de*. Em um sistema lógico, é bem fácil dizer que a possibilidade passa para a realidade. (KIERKEGAARD, 2010, p. 53)

A angústia só revela ainda mais que o homem é uma potência capaz de realizar e realizar-se, imerso em um ambiente de possibilidades. Kierkegaard, sobo pseudônimo de Vigilius Haufnienis quer nos indicar que o homem e sua angústia possuem uma relação paradoxal, pois conforme Reblin (2008, p. 126), “o ser humano em sua existência e sua subjetividade não pode deixar a angústia tomar conta de sua vida, na mesma medida em que não pode viver sem ela”. O ser humano, independente de seu gênero deve ter a certeza



que a angústia é um elemento indissociável da vida, categoria preciosa para o ser humano exercitar sua humanidade.

O DESESPERO OU DOENÇA MORTAL

A angústia revela-se como categoria indispensável para a vida. Para Farago (2006, p. 95), “o homem experimenta angústia diante da liberdade carregada com o peso esmagador que é sua tarefa autêntica, a de ser humano, a saber, sintetizar os termos heterogêneos do seu ser próprio”. Ora, os termos heterogêneos são exatamente a alma e o corpo, elementos em constante conflito que precisam se relacionar. Conceituada a angústia, o que seria o desespero para o pensador de Copenhague? Que papel essa categoria desempenha em sua filosofia e para o ser humano? Para o filósofo, o desespero é o maior enfermo experimentado pelo ser humano em vida, aquilo que ele atribui alcunha de *doença mortal*. A *doença mortal* é a doença da existência, ou melhor, morrer para ela. Na obra, *O desespero Humano* (1849) Kierkegaard sob o nome de Anti-Climacus trabalhará uma atenciosa análise sobre essa categoria, que assim como a angústia, é muito importante para o ser humano em sua existência. É ela quem denuncia a maneira como o indivíduo está levando a sua vida, executando suas escolhas. É ela que revela o grau de inautenticidade do ser.

Na obra, Kierkegaard/Anti-Climacus anuncia que o homem é síntese, ou ao menos, possibilidade de síntese. Segundo Kierkegaard, (1979, p. 195) “o homem é uma síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade, é em suma, uma síntese”. Mas as três sínteses não se encontram constituídas, não se encontram relacionadas. Há discórdia entre os termos, uma relação em que não há harmonia e não havendo harmonia o homem experimenta lentamente a morte em vida, parece para a existência vivendo de maneira incorreta. Seja de maneira sensual ou de maneira regrada, o indivíduo em menor ou maior nível, está dominado pela *doença mortal*. Isto se deve



essencialmente pelo fato que o homem nega aquilo que é de um grande valor para sua vida: nega que possui um Eu, pois para Kierkegaard:

O homem é espírito, Mas o que é o espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é relação em si, mas o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. (KIERKEGAARD, 1979, pag. 195)

Assim Kierkegaard define o homem: ele é espírito. Mas o espírito que é o Eu não se encontra dado, visto que o homem deve tornar-se espírito. Para o filósofo existencialista, a procura pelo espírito é árdua e fastidiosa. Para o indivíduo acordar o seu Eu, ele deve assumir o seu desespero, perceber que está mortalmente doente, conforme o filósofo. Só assim ele poderá relacionar-se com a doença mortal, enfrentando-a dia após dia. Sendo o desespero, uma categoria imanente ao ser humano, ele pode se manifestar em menor ou maior intensidade. Para o filósofo dinamarquês, o desespero se expressa em três possibilidades: 1) A inconsciência de estar consumido pelo desespero, 2) Ter a consciência de estar desesperado e o negá-lo, 3) A vontade de um ser um Eu, assumindo o desespero. A primeira forma de desespero é a mais comum e conseqüentemente a pior forma, pois adoece a existência de muitos seres humanos que não exercitam sua existência, vivendo-a de maneira cômoda. Na segunda forma, o homem percebe que está vivendo de maneira incorreta, que se encontra tomando por um enfermo que ainda não conhece totalmente. No entanto, abdica de enfrentá-lo, buscando distrações e diversões em sua vida para esquecê-lo. Na terceira forma, o homem possui enorme consciência de sua situação, consumido pela doença mortal não recua, defronta-se com seu desespero, por mais intenso e vivaz que ele seja, pois há neste homem um anseio, uma inquietação, uma vontade desespera de libertar o seu Eu.



Para Kierkegaard, o homem cristão é aquele que possui enorme consciência de seu desespero. É o que o diferencia do homem que não é cristão, aquele que o filósofo chama de homem natural. Para o filósofo, (1979, p. 192), “o cristão é o único que conhece a doença mortal”, ou pelo menos conhece a sua força esmagadora. O desespero coloca o ser humano frente a frente com sua vida, e claro, diante de uma escolha: de continuar aviver numa ilusão ou escolher viver de maneira apaixonada, transformando sua existência. Estar consciente de seu desespero (e de sua angústia) pode ser considerado uma das maiores formas de demonstração de coragem que o ser humano pode vir a apresentar. Mas tal escolha é fastidiosa por demais, difícil e dolorosa. Entretanto, tal atitude é para o pensador cristão, o grande esforço que um homem pode realizar em vida, buscando estabelecer um laço íntimo com o criador, experimentando a palavra existência em seu sabor original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Angústia e desespero, desespero e angústia. Seriam elas, demonstrações de nossas limitações enquanto seres humanos? Seriam deficiências ou qualidades? Depende da forma ou maneira como o indivíduo se relaciona com as duas categorias. Do lado do desespero, o filósofo articula um aspecto dubio sobre este enfermo: só o ser humano é capaz de se desesperar, e isso já o coloca acima de qualquer espécie. Contudo, se pudesse escolher entre desesperar-se ou não, o homem não decidiria pela primeira alternativa, uma vez que esta é a pior coisa que o indivíduo pode vir a vivenciar. O mesmo pode ser proferido sobre a angústia. Na obra que trata desta categoria, o filósofo anuncia que não se encontrará um lapso sequer de angústia no animal, considerando que em sua estrutura física e natural, este não está determinando enquanto espírito (KIERKEGAARD, 2010, p. 45). Portanto, a angústia já revela que o indivíduo possui um espírito, um espírito que é seu, aquilo que dá a luz a sua autenticidade. Mas assim como o desespero, se fosse possível



escolher entre ser ou não ser angustiado, o ser humano escolheria a opção de não o ser, já que a angústia revela que o ser humano não experimenta sua liberdade conforme pensa.

Através desse trabalho, se buscou de maneira simples, mas objetiva explicar sobre a angústia e o desespero, conceitos que representam a espinha dorsal do pensamento filosófico de Sören Kierkegaard. Para a construção desse artigo, foram utilizadas duas obras do filósofo como *O conceito de Angústia* (1844), em especial a sexta seção do primeiro capítulo, assim como alguns capítulos da primeira parte de *O desespero Humano* (1849). Como bibliografia secundária, foi utilizado o artigo *A angústia Kierkegaardiana* (2008) e a obra *Compreender Kierkegaard* (2006) da comentadora France Farago. Embora essas categorias sejam pensadas numa perspectiva cristã, por um filósofo existencialista cristão, este detalhe não limita a discussão sobre esses conceitos em uma perspectiva estritamente religiosa, uma vez que as duas categorias rondam o ser humano e a filosofia desde sua gênese, muito antes de Kierkegaard. Antes de serem assuntos tratados de maneira religiosa, são assuntos que envolvem o homem em sua individualidade. Por isso, considera-se a literatura de Kierkegaard como uma obra que não está presa ao seu século, pois já detalharia assuntos que seriam tratados em sua posteridade, contribuindo para a psicologia e demais linhas de estudos que envolvem o homem e sua condição humana.



REFERÊNCIAS

FARAGO, France. Compreender Kierkgaard. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. O conceito de angústia. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Pensamento Humano).

_____. O desespero Humano (Doença até a morte). O pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. Vida e Obra. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

REBLIN, Iuri Andréas . A angústia kierkegaardiana. Protestantismo em Revista, v. 16, p. 105-127, 2008.